

## **Homossexualidade masculina frente ao preconceito e discriminação, promovendo a evasão no espaço tempo escolar.**

*(Male homosexuality forward to prejudice and discrimination promoting avoidance  
in school space time)*

**Júlio César da Silva Corrêa**

*Faculdade da Amazônia Belém Pará - Brasil*

**Claudia Waleria da Silva Ferreira**

*Universidade Federal Rural da Amazônia Belém - Pará-Brasil*

*Páginas 99-113*

*Fecha recepción: 2-06-2016*

*Fecha aceptación: 30-09-2016*

### **Resumo.**

O artigo apresenta uma discussão acerca da homossexualidade masculina frente ao preconceito e a discriminação que ocorre no espaço-tempo escolar e muitas das vezes os alunos abandonam os estudos. A investigação foi realizada no Curso de especialização em Psicopedagogia, da Universidade Castelo Branco Rio de Janeiro, em 2007. Utilizou-se a pesquisa do tipo pesquisa-ação participante, sob a ótica da abordagem qualitativa, como lócus uma escola de Ensino Médio da Rede Pública Estadual em Belém do Pará. A escola não possuía nenhum trabalho sistemático acerca da aceitabilidade da homossexualidade masculina inclusive com casos de abandono por homofobia. Contudo, os trabalhos pedagógicos não contribuíam para a reflexão da homossexualidade no espaço escolar no intuito de diminuir a discriminação de alunos homossexuais, por consequência direta a evasão escolar.

**Palavras-chave:** homossexualidade; gay; escola; preconceito; evasão escolar.

### **Abstract.**

The article presents a discussion of male homosexuality against the prejudice and discrimination that occurs in the school space-time and often students drop out. The research was conducted in the specialization course in Psychology at the University Castelo Branco Rio de Janeiro in 2007. We used the research participant type action research, from the perspective of qualitative approach, locus as one high school State Public Network in Belem. The school did not have any systematic work on the acceptability of male homosexuality including cases of abandonment homophobia. However, the pedagogical work did not contribute to the reflection of homosexuality at school in order to reduce discrimination against gay students, by direct consequence of truancy.

**Keywords:** homosexuality; gay; school; preconception; truancy.

## 1.-Introdução.

O universo que envolve a homossexualidade masculina é marcado por mitos e de posturas de transgressão a paradigmas sexuais pré-estabelecidos pela sociedade. Aprende-se desde muito cedo a ser homem macho, é aquele que não chora, tem que ser ativo, despojado, não pode achar outro de sua espécie bonita, só usa azul, tem que gostar de futebol, tem que perder a virgindade cedo dentre outras coisas, são as marcas da educação no seio familiar e social a qual é imputado ao homem. Talvez este seja o motivo da discriminação, preconceito e violência que o homossexual está acometido em seu estar no mundo e com o mundo.

No dia doze de junho de dois mil e dezesseis a mídia televisiva, escrita e internet noticiou o caso da morte de 50 pessoas que se encontravam em uma casa noturna volta ao público LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais têm-se os simpatizantes) em Orlando, nos EUA. Vale lembrar, que no mês de março de 2016, a UNICEF disponibilizou o Mapa da Violência 2011, onde o Brasil encontra-se em primeiro lugar de mortes violentas de jovens e também em assassinatos de homossexuais, travestis e lésbicas vertiginosamente com relação aos anos anteriores (Gomes, 2016). Tem-se hoje outro alvo de discriminação, pré-conceito e preconceito os indivíduos Transgêneros a discussão veio à tona com a modelo Lea T., filha do ex-jogador de futebol Toninho Cerezo e da polemica que a filha da cantora Gretchen, Thammy Miranda promoveu com as mudanças que resolveu fazer em seu corpo assumindo uma forma masculina, mas está temática não foi foco da investigação e mesma requer um olhar minucioso e diferenciado acerca do assunto.

O fato é que o novo e/ou o diferente promove posturas de discriminação, preconceito e violência diante daquele indivíduo que ousa transgredir as regras pré-estabelecidas pela família e sociedade. Do lar para a escola, a coisa se complica, pois, é no espaço-tempo escolar que os padrões de comportamentos são enfatizados, padronizados, onde todos os meninos devem apresentar o mesmo uniforme de serem homens-machos, e quando esse padrão não se respeita ou se transgredi, inicia aí a dificuldade do homossexual manter-se no espaço escolar a se adequar. Basta apresentar algum comportamento fora do padrão aprendido, oficializado como comportamento do ser homem, para que este seja o motivo de vaias, rótulos negativos e depreciativos, levando quase sempre os homossexuais a não concluírem seus estudos.

O fato é que as "brincadeiras" e as cobranças por parte tanto do alunado e dos professores são grandes, ou seja, a discriminação toma proporções absurdas que ocasiona a evasão do aluno homossexual, ou este leva o dobro do tempo para concluir os estudos, pois, este aluno se ausenta inúmeras vezes da escola para não ser alvo das gozações e agressões dos colegas e isto interferem no avanço dos estudos. Tal fato nos motivou a realizar a investigação em tela, vindo a responder os seguintes questionamentos: Qual (is) o(s) efeito(s) que atos homofóbicos provocam no processo ensino aprendizagem escolar? Ato de preconceitos e discriminação estimulam a evasão escolar de alunos

homossexuais? O que leva um aluno ou professor terem atos de discriminação e preconceito diante do ser homossexual?

No Ensino Médio, o aluno encontra-se aproximadamente entre 15 a 17 anos de idade, caso este não fique retido em nenhuma série /ano do Ensino Fundamental. Neste período, as relações afetivas tomam novos significados, onde a sexualidade toma proporções que contornam o ato sexual e o afetivo. Assim, quando um aluno se faz perceber que se sente atraído por alguém do mesmo sexo, no caso menino, as coisas complicam, no universo social a discriminação e o preconceito tomam proporções alarmantes, e produzem feridas profundas naquele que assume sua homossexualidade.

O fato é que com o passar do tempo o aluno vem a abandonar o espaço escolar por não encontrar apoio nos atores que promovem a dinâmica da escola (gestor escolar, serviço técnico e professor). A ausência de apoio pode-se atribuir à ignorância de dados científicos acerca da homossexualidade, ao pré-conceito, ao preconceito, a questão religiosa dentre outros. Assim, acredita-se que a referida investigação realizada possibilitou subsidiar um novo olhar diferenciado acerca da homossexualidade na escola, dando a todos o direito de fato de se incluir no universo escolar propondo o diálogo entre os atores que compõem o fazer pedagógico no espaço escolar.

No que refere aos objetivos da investigação, teve-se como geral: promover uma análise crítica da aceitabilidade ou não da homossexualidade masculina no espaço – tempo escolar no Ensino Médio, e qual o reflexo da discriminação e preconceito na permanência e na conclusão dos estudos; como específicos, conhecer as dificuldades de aceitação da homossexualidade masculina no espaço-tempo escolar do Ensino Médio, identificar atos de discriminação e preconceito de alunos, professores, técnicos e gestor da escola com relação ao aluno homossexual, reconhecer quais os motivos que levam o aluno homossexual a abandonar os estudos. A temática em questão põe em evidência dramas do cotidiano escolar, pois o ser humano vive dramas profundos de identidade, o homem se depara com novas formas de se expressar no que se refere ao papel esperado pela família, da escola e da sociedade, e quando este papel não é cumprido todos se escandalizam e reage chocados ao descobrir o que é classificado erroneamente de perversão sexual, doença ou transtorno a homossexualidade, o seu filho, sobrinho, amigo, aluno é, ai inicia a discriminação e aterrorização frente à padronização dos comportamentos que devem apresentar.

Assim, a prática de discriminar orem passa ser um ato normalizado que engendra o cotidiano social, o sonho /ideal de "liberação" da prática sexual e/ou da sexualidade se encontra ligada a guetos e ao submundo da afetividade e do prazer, logo ficar escondido sob a estampa dentro do armário, ainda é a melhor prática para ser aceito na família, escola e sociedade. A homossexualidade encontra-se presente em todas as sociedades humanas e também de animais – presentes no livro: *Biological Exuberance*, de Bruce Bagemihl, publicado em 1999, afirma que a prática da homossexualidade no reino animal é normal -. O fato é que

o comportamento e vivência da sexualidade é normatizada sociedade por intermédio da família e grupo social que o indivíduo se encontra imersa, também pela cultura e religiosidade que impõe parâmetros de "normalidade", mas sabendo que os padrões pré-estabelecidos de "normalidade" se modificam e/ou evoluem indo ao encontro do tempo e espaço.

A comparação de diversos contextos sócio-culturais mostra que, além da frequência da homossexualidade varia de sociedade para sociedade, em algumas pode ser mais encontrada no sexo masculino, em outras pode ser mais visível entre pessoas do sexo feminino. Em algumas sociedades é muito estigmatizada, e o homossexual é objeto de discriminações, zombarias e de atrocidades, que podem levar à sua morte, por suicídio ou por homicídio. Em outras sociedades, se não é encorajada ou desejada, tende a ser olhada com certa naturalidade. (Ferretti, 1998)

## 2.-Homossexualidade em questão.

A homossexualidade para Corrêa (2004) define-se pela atração emocional, sexual e estética por pessoas do mesmo sexo. O termo homossexual, foi criado em 1869 pelo escritor e jornalista austro-húngaro Karoly Maria Kertbeny. Deriva do grego *homos*, que significa "semelhante", "igual". Em 1870, um texto de Westphal intitulado "As Sensações Sexuais Contrárias" definiu a homossexualidade em termos psiquiátricos como um desvio sexual, uma inversão do masculino e do feminino, em suma, uma espécie de loucura. A partir de então, a homossexualidade tomou a alcunha de degeneração. Nos códigos penais, surgiram leis que proibiam as relações entre pessoas do mesmo sexo.

A partir dos movimentos de liberação homossexual e sobretudo após o incidente de *Stonewall* em Nova York, em junho de 1969, emergiu o termo *gay* como meio para apagar o teor psiquiátrico por trás da palavra homossexual. Assim, *gay* é um termo politizado e menos estigmatizador. Um homem homossexual costuma ser chamado de gay, enquanto uma mulher, é chamada de lésbica. Embora algumas vezes *gay* seja usado como denominador comum entre homens e mulheres homossexuais.

Desde os estudos de Kinsey em 1949 (*apud* CORRÊA, 2004) que se popularizou a afirmação de que 10% da população humana teria uma orientação homossexual. No entanto, outros estudos indicaram valores diferentes, como 4% e outro com 14%. A principal razão para a dificuldade na obtenção de um valor credível está no fato de muitos homossexuais continuarem a esconder a sua orientação sexual por motivos diversos, além de ser difícil classificar e quantificar de forma científica o grau de homossexualidade e heterossexualidade de alguém.

No entanto, muitas coisas no terreno da sexualidade permanecem ainda no plano da especulação ou são vistas de forma puramente dogmática. Uma delas é a homossexualidade, associada ao longo da história à doença, à perversão ou à criminalidade. É comum assistirmos pessoas darem sua opinião acerca da

homossexualidade distorcendo pesquisas e dados científicos, ou ainda, apoiando-se no senso comum e religioso.

Vale ratificar, que entre os gregos e romanos na antiguidade era perfeitamente normal que os homens tivessem relações sexuais com outros homens, como demonstração de poder, e tivessem também suas mulheres com o dever de procriação. Na sociedade ateniense era perfeitamente natural que um jovem fosse possuído sexualmente por um adulto, porque seu papel na sociedade era de passividade. Já, em Roma Antiga, as regras de dominação eram mais violentas, e os parceiros seriam escolhidos entre escravos, prostitutos e prisioneiros de guerra colocados na função passiva, pois recebiam a penetração do macho viril e dominador, tal fato também era presente na Mesopotâmia (Epopéia de *Gilgamesh*) e China (Poemas *ShiJing*) a relação entre iguais sempre esteve presentes nas sociedades antigas e há registros do afeto e de sexo entre homens (Mesquita, 2008).

Os temíveis exércitos de Tebas e de Esparta possuíam unidades formadas por pares de amantes homossexuais. Essas tropas, capazes de bravura suicida, eram estimuladas por ideias como as de Platão que achava que um homossexual nunca abandonaria seu amante em combate e procuraria honrá-lo com feitos heroicos. Platão (*O Banquete*), como Sócrates e tantos outros contemporâneos (*Pederastia-Grecia Antiga*), aconselhavam que todo adolescente tivesse por preceptor um amante mais velho.

No Egito Antigo e nos povos da Mesopotâmia ocorriam formas institucionalizadas e sagradas da prostituição homossexual. Lasso (1985) nos relata que na cultura japonesa, na Era Meiji, a homossexualidade era uma forma espontânea de viver sua sexualidade, vinculava-se aos valores de coragem no serviço militar. Na sociedade Chukchees da Sibéria considerava-se um travestido como um Xamã (sacerdote, feiticeiro), que casava com outro homem e se comportava como mulher. Na comunidade dos Siwanos na África, ali todos os homens e rapazes tinham relações sexuais anais e não eram considerados homossexuais casados e solteiros. Vale lembrar que faz parte dos ritos de iniciação à puberdade da Tribo Keraki, da Nova Guiné, os solteiros copularem ativamente com os novos – adolescentes (Vidal, 1985).

Mas, durante a história, com os interesses políticos, religiosos e econômicos, a homossexualidade sofreu duros golpes ao longo dos séculos. Por exemplo, a Lei Lex Scantinia (226 a.C.), condenava a prática da homossexualidade, mas aplicava-se a casos de violação de menores. No século III d. C. o Imperador Felipo condena a prostituição homossexual feita pelos chamados “exoleti”, posteriormente a Lei dos Imperadores Constâncio e Constance (342), condenam a prática pederastia, principalmente os passivos (Gafó1985)

Os grandes tecelões da extensa teia de preconceitos contra a homossexualidade, porém, não foram unicamente os conceitos políticos, religiosos, culturais e econômicos, mas também a ciência contribuiu para o fortalecimento da homofobia,

dando o rótulo de doença ao que antes, ao longo da história, fora considerado blasfêmia e crime. A homofobia só foi minimizada a partir das contribuições de Sigmund Freud, Psicanálise, Reich, Livro. A Revolução Sexual, 1969, estudos de Kinsey Relatório, dentre outros que trouxeram uma nova visão acerca da homossexualidade, temos também a genética e antropologia explicando a homossexualidade. É a ciência (re) construindo o seu saber e ressignificando o senso comum. Vale ressaltar, que ficou comprovada por vários estudos de Kinsey que a orientação sexual não é uma condição, mas uma gama de comportamentos e identidades; a homossexualidade é uma das muitas variações normais do comportamento sexual humano. Mas somente em 1973 que a *American Psychiatric Association (APA)* retirou a homossexualidade da lista de distúrbios mentais.

A visão antropológica entende a homossexualidade como condição humana de um ser pessoal que, ao nível da sexualidade, caracteriza-se pela peculiaridade de sentir-se constantemente instalado na forma de expressão exclusiva com um parceiro do mesmo sexo. A homossexualidade, na visão antropológica possui variante ou tipos de homossexualidade denominados de:

#### A- Por diferentes níveis de atração pelo mesmo sexo:

A.1- Homoerotismo ou predomínio do anímico – sensual: predomina a atração pelos valores da outra pessoa (beleza, força, delicadeza etc...) sente atração pelo corpo do outro, mas como sede de uma personalidade determinada “guiado por Eros “ Amor Possessivo”, amor matéria paixão o Corpo (conhece o outro pelo corpo). A.2- Homofilia ou predomínio do pessoal anímico – espiritual: aqui o indivíduo chega a conhecer a relacionar-se com o outro todo; com a existência integral do companheiro. A relação homossexual produz: a homoerótica, alegria; a homofilia, felicidade (é o amor não sua expressão de companheirismo, compreensão etc...

#### B- Por diversos estilos de afeminação.

B.1- Diversidade de afeminação. Afeminação qualquer conduta (gesto, voz, movimentos) geralmente associada por um homem;  
B.2- Mariquinhas (*Nelly*); as maneiras predominantes são puramente femininas;  
B.3- Ruge-ruge (*Swish*), caricatura feminina produzem emoções históricas; B.4- Rainha (*Blasé*), gestos pensados; B.5- *Camp* (acampamento), gestos teatrais gestos que identificam quem são o que são. (Vidal et al, 1985, pp.10-11)

As colocações acima descritas expressam em parte a homossexualidade masculina percebida no contexto escolar e social, onde alguns garotos são discriminados por apresentarem traços femininos, ou ainda, exagero em detalhes que perfazem uma menina distorcida do real. Ainda, não são conhecidas as causas ou fatores que implicam a orientação/situação à homossexualidade. Os estudiosos indicam que há fatores constitucionais, envolvendo a estimulação hormonal do cérebro durante a vida fetal, que pode ser um fator importante. Modernas evidências científicas obtidas nas últimas décadas sugerem que os genes e o cérebro ocupam um papel importante na sexualidade. A teoria mais provável para os pesquisadores das bases genéticas da homossexualidade é a de que a região

Xq do cromossomo X contém um gene que influi na orientação sexual do homem. Este gene poderia atuar na síntese e metabolismo dos androgênios, influenciando assim nos receptores dos neurônios da área pré-óptica (3NIHA – Terceiro Núcleo Intersticial do Hipotálamo Anterior) que determinam o comportamento sexual. Esse gene estimula a sobrevivência destes neurônios em fetos masculinos que viriam a ser homens heterossexuais e levaria a sua atrofia e morte em fetos femininos em fetos masculinos que viriam a ser homossexuais.

Estudos do Dr. William H. Masters, da escola de Medicina de Havard, EUA, afirma que homossexuais possuem distúrbios na função endócrina, e este pode ser um fator determinante da homossexualidade masculina. (Testosterona nos Homossexuais, 1974). Para Freud (*apud* Souza & Martins, 2006), todos os seres humanos nascem com dois instintos básicos: o princípio do prazer e o da realidade. A sexualidade desenvolver-se-ia em 3 fases distintas: oral, anal e fálica. Na primeira infância a busca do prazer ocorre no ato de mamar (fase oral), aos três anos o controle do esfínter anal e é a fonte do prazer (fase anal), dos quatro aos seis anos de idade o prazer vem do toque do pênis ou do clitóris (fase Fálica). O comportamento homossexual tem sido tradicionalmente considerado resultado de fatores psíquicos e sociais vigentes durante a infância e a meninice. (Louro 1997).

As imagens de homem e mulher e de masculino e feminino são construídas e adaptadas desde a Educação Infantil e vão se fechar no Ensino Médio. Quintella & Dieterich (*apud* Corrêa, 2000), no diz que a sexualidade está presente desde o nascimento até a morte nas relações e ações entre as pessoas, ou consigo mesmas, enquanto seres sexuados.

O fato é que o corpo anseia pelo toque, e pelo envolvimento emocional. Vale lembrar, que consciência do ser homossexual costuma aflorar, em muitos casos, muito cedo, isto é, logo durante os primeiros anos da adolescência. Costuma iniciar-se com uma sensação de sentir-se distinto, amiúde com mescla a culpabilidade, de medo em relação ao que o outro (pais, familiares e sociedade) irá pensar dele. (Lasso, 1985).

Segundo Svevo (2007), os pais são os primeiros a não aceitar a homossexualidade dos seus filhos, o sentimento de vergonha do adolescente e dos pais é grande, e a pergunta é "onde foi que errei?" Assim, o adolescente se culpa por não cumprir as expectativas dos pais, a auto-estima torna-se frágil e o adolescente fica vulnerável à depressão por não se aceitar homossexual, sem antes saber a opinião dos pais a respeito.

O fato é que, como a heterossexualidade, a homossexualidade é um estado mental, não há nenhuma doença ou desvio de comportamento ou perversão, como se pretendeu até a algum tempo atrás. Mas não é raro encontrar pessoas que insistam nisso mesmo no meio dos profissionais de saúde. Vale lembrar que em 1985, o Conselho Federal de Medicina do Brasil CFM retirou a homossexualidade da condição de desvio sexual. No ano de 1993 a Organização Mundial de Saúde – OMS retira o termo "homossexualismo" e adota o termo homossexualidade (Cativo,

2000).

Segundo Granúzzio (2007), a homossexualidade tornou-se um problema complexo a ser discutido por toda a sociedade brasileira. Apesar da maioria dos casos evidenciarem uma conexão entre intolerância e ignorância, não basta dizer que o problema envolve pessoas ou comunidades "ignorantes", de um lado, contra pessoas ou vítimas indefesas, de outro.

A discriminação embalada por medo de tocar no assunto na escola e no seio familiar é reflexo de anos de construções de sexualidade distorcidas e impostas como modelos do que é certo ou errado. Neste aspecto temos as filosofias religiosas que brincam de Deus e deuses, impondo a todos o que lícito ou ilícito fazer diante do sexo. É claro que a prática homossexual é um verdadeiro engodo para as mesmas. Sexo é para procriar e não para o prazer, são verdades construídas desde muito cedo por nossos pais e reforçadas na escola, lá no período da Educação Infantil.

Foucault (1988), em sua História da Sexualidade, afirma que ainda hoje vivemos num mundo em que nossa sexualidade é contida, muda e hipócrita, a sociedade não deixa o outro assumir o que deseja o que lhe dá prazer, pelo simples fato que este não pode, pois há uma regra a ser seguida.

Granúzzio (2007) afirma que falar sobre sexo com crianças, adolescentes, homens, mulheres constitui-se hoje uma forma de controle de comportamento. O professor de Educação Infantil vai guiando, mesmo que inconscientemente, as normas de condutas das crianças e essas, sem um desenvolvido grau de criticidade, vão aceitando valores padrões instituídos pela sociedade. Quando chegam ao Ensino Médio, esquecem o modo que adquiriram tais valores e passam a aceitá-los como verdades puras, de difícil modificação.

A homossexualidade não é trabalhada no univer escolar, pois a discussão séria estabelecerá destrutura nas questões morais e de validade dos padrões de normalidade estabelecidos historicamente. Trevisan (2000), Araújo (2001), Corrêa (2006), Granúzzio (2007), Oliveira; Morgado (2007) Então é melhor marter todos dentro do armário, assim não todos ficam "felizes".

### **3.-Metodologia.**

Assim, a temática de investigação nos imputou a necessidade de realização de uma pesquisa de campo, que produz conhecimento a partir da coleta de dados no campo pesquisado. Neste sentido, optou-se por realizar uma pesquisa do Tipo Pesquisa-Ação-Participante, pois esta viabiliza a participação do pesquisador e dos atores envolvidos na produção do conhecimento elencado, o pesquisador faz parte do lócus de investigação.

Teve-se como lócus de investigação uma Escola de Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública Estadual de Ensino, de porte médio, sito no Centro Comercial de Belém, próximo à Praça da República, os dados foram colhidos no turno da noite,

pois estes turnos apresentam clientela diferenciada, com um índice de evasão escolar significativo em decorrência da orientação sexual percebida pela orientadora, professores e alunos da Escola.

Homossexualidade foi o que caracterizou o lócus da investigação, enquanto no terceiro, Evidenciando e Analisando as Respostas dos Profissionais da Escola, apresentou-se e analisaram-se os dados colhidos em campo de investigação evidenciando a postura dos atores que compõe o universo escolar na questão da aceitabilidade da liberdade de escolha da sexualidade de cada um. A Homossexualidade Masculina em Evidência: a liberdade ameaçada. Neste momento, discute-se o preconceito junto ao homossexual, bem como, criou-se conceitos e paradigmas frente à homossexualidade, e a partir daí discutiu-se a postura da família, escola e da sociedade na aceitação ou não da prática homossexual.

#### **4.-Discussão dos resultados.**

Homossexualidade em questão. Pontos e contrapontos da aceitabilidade no espaço escolar. O professor ainda é o modelo para o alunado, e este pode ajudar na aceitação do homossexual no espaço escolar, é o que nos apontam os trabalhos de Granúzzio (2007) e Oliveira; Morgado (2007) sobre a conscientização via escola. Neste sentido, abordam-se os dados e impressões colhidas em campo de pesquisa. Observou-se e realizaram-se entrevista semi-estruturada juntos aos sujeitos que compõe a Escola palco de investigação durante os meses de agosto a dezembro de 2006, onde se utilizou os pressupostos da pesquisa ação participante sob da ótica da abordagem qualitativa. De acordo com Bogdan & Biklen (1994, p27) a abordagem qualitativa.

Os dados colhidos foram analisados a luz da análise do discurso, que segundo Pêcheux (1988) objetivo realizar uma reflexão sobre as condições de produção e apreensão do significado de textos produzidos em diferentes campos, como, por exemplo, o religioso, o filosófico, o jurídico e o sociopolítico. O básico desta análise pode-se afirmar que sejam dois: 1 - o sentido de uma palavra ou de uma expressão não existe em si mesmo; ao contrário, expressa posições ideológicas em jogo no processo sócio-histórico no qual as relações são produzidas e 2. Toda formação discursiva dissimula, pela pretensão de transparência e dependência, formações ideológicas.

#### **5.-Analisando as respostas dos profissionais da escola.**

Para que se pudesse saber a visão de homossexualidade que os profissionais que atuavam na Escola, perguntou-se qual a opinião formada que tinham da homossexualidade, mesmo sendo formada com o Nível Superior a visão era distorcida e carregada de preconceito religioso, onde o currículo oculto fala mais alto transparecendo para os alunos homossexuais a postura preconceituosa e de homofobia. Claro que neste universo há profissionais conscientes e que aceitam a diferença como algo normal. Na fala dos entrevistados fica evidente que há

barreiras de aceitabilidade da homossexualidade, principalmente por parte da orientadora, o gestor se colocou na posição de neutralidade, em contrapartida a gestão escolar a professora de artes encontrava-se em total liberdade em falar e aceitar a homossexualidade de outrem. Neste sentido o segundo questionamento foi respondido na primeira pergunta. As respostas aqui dispostas são as mais significativas, pois alguns profissionais se recusaram a responder sob a alegação de não terem opinião formada ou não terem conhecimento específico sobre o assunto.

As colocações dos sujeitos da Escola vão ao encontro do discutido por Granúzzio (2007) e Oliveira; Morgado (2007), com relação à dificuldade e resistência encontrada na Escola no desenvolvimento de trabalhos acerca da sexualidade humana. Quando se utilizou o termo homofóbico, somente a professora de artes e supervisora respondeu a indagação, pois segundo elas a interferência é direta, alunos homossexuais quase sempre abandonam a escola e somente voltam quando a figura principal das brincadeiras discriminatórias sai da Escola e já houve vezes do próprio professor discriminar e ainda dizia que era concursado e não iria sair da Escola.

O gestor da escola, bem como, os demais profissionais ouvidos foi enfático em dizer que os atos de discriminação fazem com que a grande maioria dos alunos com a sua identidade homossexual são sabidas por todos da comunidade, abandonem o espaço-tempo de sala de aula. Assim, o abandono por ser homossexual tornou-se "normal" na dinâmica da escola, isto é normalizar o que é errado.

Outro fator pertinente encontrado junto às posturas dos professores que atuam nas salas onde há um aluno homossexual assumido e não obstante discriminado, é que o professores de disciplina como Matemática, Química, História tem uma postura machista e preconceituosa e utilizam a Bíblia Sagrada como alicerce de sua opinião, mas não se dão conta de sua postura diante do aluno em contrapartida a professora de Artes, História, Língua Portuguesa e Educação Física (apesar de ser facultado ao turno da noite) agem de forma diferente com aceitação e respeito. Temos aí dois universos de opiniões uma que acolhe e outra que discrimina e conceitua como errado.

A professora de Biologia afirmou que não há tempo para realização de um trabalho profundo acerca da sexualidade, pois até mesmo o docente não ganharia a mais para fazê-lo. Quando algum aluno humilha o outro é somente despartada a briga e os envolvidos são encaminhados ao serviço técnico da Escola, logo não há conscientização, apenas práticas paliativa ou punitiva aos agressores e cabe ao agredido calar e continuar em seu espaço quieto e inconformado de ter sido agredido por ser homossexual. E nenhum trabalho sistemático acerca da sexualidade do alunado em geral, e principalmente ações que viesse a contribuir para diminuição de ações homofóbicas na comunidade escolar.

Com relação ao alunado registraram-se aqui as respostas mais significativas dos

que se diziam heterossexuais, acerca da conceituação da homossexualidade masculina, pois os alunos entrevistados, não sabiam responder ou ainda faziam gracejos acerca do que seria um homossexual, também houve dois alunos que desconheciam o termo, mas a opinião ainda se fazia contraditória, pois a prática de aceitação era mínima diante do amigo e/ou colega homossexual. Em contrapartida, os alunos homossexuais demonstraram uma aceitabilidade imensa diante da opinião distorcida dos colegas de classe.

O fato é que a maioria da sociedade encara a homossexualidade como sendo uma caricatura de ser humano, isto não ocorre e nem tão pouco é uma verdade, as respostas dos alunos encontram-se carregada de defesa contra determinados estereótipos pejorativos elencados diante da homossexualidade. Todos aceitam a homossexualidade do outro, teoricamente, mas na prática os atos discriminatórios se efetivam e comprovam que a sexualidade ainda é um grande tabu para sociedade pós-moderna, quando se perguntou você tem amigos homossexuais, falaram que sim, mas não convidavam para ir a sua casa e nem andavam junto deles fora da escola. "Quem anda com veado, é puta ou come ele", foi o que ouvimos de quatro alunos, é por isso que os mesmos não tinham maiores aconchegos com os alunos tidos homossexuais na Escola.

Quando se indagou se atos de preconceito e discriminação fazem o aluno homossexual abandonar a escola, os alunos foram enfáticos nos dizendo que sim, pois ninguém gosta ser maltratado na Escola. Todos já vinham de outras instituições de ensino com abandono de dois a sete anos e retornaram por necessidade. Assim, a discriminação imputa ao homossexual uma posição marginal diante da sociedade a qual se encontra imerso. Pelo que os alunos se pronunciaram a homossexualidade não é aceita por grande maioria dos alunos da escola, porque as suas famílias também não aceitam e fazem apologia à homofobia. Um exemplo disso são os grupos de alunos que se dirigem as salas. Quem tem algum *gay* para importuná-lo de maneira bem agressiva, pois ele pode o mesmo tem a garantia do grupo e são todos homens. Não há trabalho de conscientização sobre a sexualidade na Escola, a não ser o mencionado pelos alunos e realizado pela professora de Artes e o antigo professor de Biologia, fora isto nada mais, e claro sem esquecer as conversa com a supervisora, onde ela sinalizou que as famílias dos alunos quase sempre não aceitam e quer de todo jeito que eles deixem à homossexualidade, como se fosse uma doença ou um estágio que irá passar, as famílias ouvidas pela supervisora e orientadora eram evangélicas ou muito católicas as famílias que abriram um diálogo com seus filhos foram adotam a Doutrina Espirita e/ou Umbanda e Candomblé.

O espaço escolar, de acordo com os sujeitos ainda se encontra arraigado aos paradigmas do século XVI, e a escola neste período servia a uma ideologia e valores que já a muito tempo não são os mesmos. Ainda, a escola e a família não desejam tocar no assunto da homossexualidade, mas, quem fará? Os nossos adolescentes homossexuais ficam sem referência de como vivenciar a sua sexualidade sem medo e preconceito, pois não há espelho para se ver e se admirar, tem-se apenas um grande turbilhão de informações contorcidas e

confusas acerca da sexualidade e muita gente apontada como erro e pecado. Neste aspecto quem perde com tudo isto é o homossexual, que adentra em um mundo já perdendo, pois o mesmo não se conhece e não lhe é dado espaço para se conhecer, temos somente ações isoladas de alguns pais e professores explicando e orientando a nova geração em ser tolerante ao diferente. Como uma dessas experiências isoladas de bom gosto, pode-se citar o Projeto de Capacitação de Professores em Homossexualidade, da ONG Movimento Gay de Minas - MGM. Este foi, em 2006, financiado pelo ministério da Educação MEC, fazendo parte de um programa desenvolvido pelo Governo Federal "Brasil Sem Homofobia". Fora este não se percebe outro naquele período hoje se tem o para vida fazendo o enfrentamento da AIDS e com orientação também da sexualidade em suas palestras.

Os professores são formadores de opinião, dependendo da disciplina e carga horária pode disseminar idéias construtivas ou destrutivas, só basta este não ter uma (in) formação adequada para que haja uma pratica pedagógica fragmentada e carregada de preconceitos étnicos, sexuais dentre outros. A escola, não importando o aspecto físico, orientação didático-pedagógica, de orientação leiga ou não, deve ser um espaço de discussão de idéias e de posturas, onde a tolerância seja o princípio maior das mediações humanas e didáticas, só assim o adolescente ou adulto homossexual poderá sentir-se acolhido e orientado em sua tomada de decisão acerca de sua sexualidade.

### **Conclusão.**

Fecha-se a investigação com a colocação do já citado escritor irlandês Oscar Wilde, com sua celebre frase: "O nome do amor que não ousa dizer o seu nome", definiu muito bem a homossexualidade masculina, nos dias atuais o homossexual não fica mais preso e levado a trabalhos pesados, mas fica retido ao cárcere interior diante da família, escola e sociedade. O adolescente homossexual tem sonhos e anseios como outro adolescente qualquer de sua idade, mas muitos por ignorância colocam o homossexual como aberração da natureza e propõem que os mesmos possuem uma forma de pensar diferente de heterossexual. A sexualidade não diferencia a maneira de pensar do ser humano, mas sim a construção que este faz de si e do universo social ao qual se encontra imerso, as condições sócio-históricas determinam em parte a sede de saber e de se relacionar-se que cada um traz dentro de si em sua relação com o outro e com o mundo a sua volta.

Encontrou-se um motivo ou outro que ficaram fora durante um tempo do espaço-tempo escolar, resultado da animosidade exercida pelos parceiros no espaço. Neste sentido, a pergunta que se faz aos professores, diretores, orientadores e supervisores "até quando a escola irá fazer de conta que nada acontece", ou que nada podem fazer com relação à minimização da homofobia tirana que promove exclusão com atos de discriminação, preconceito, pré-conceitos que são elencados e que quase sempre terminam em ações violentas contra os homossexuais. O universo estudado é ínfimo perto da realidade enfrentada pelo adolescente homossexual, o mesmo se sente na perseguição sodomita realizada pela Igreja

Católica e nos dias atuais pelas Igrejas Evangélica onde tudo é pecado, ou ainda, no holocausto realizado na 2ª Guerra Mundial, a realidade e que os atores não são os mesmos, mas a intenção de punir a homossexualidade continua sendo a ordem do dia.

Tem-se discussões acirradas acerca de união entre iguais (união homoafetivas), adoção de crianças por casais homossexuais, alguns "cidadãos" sentem-se no direito de dar e de fazer valer sua opinião diante da vida do outro. A tão sonhada liberdade de expressão que todos deveriam gozar fica restrita a vontade do outro, que preso os seus valores religiosos ou de má (in) formação tentam de toda maneira escrever a história de outrem. Estamos no século XXI, com a cabeça no passado com posturas que lembram e enfatizaram o homossexual como um ato de crime contra a natureza criada por Deus, também embalada pela ciência propondo como se fosse uma patologia, estas formas de pensar foram prescritas a muito tempo, mas alguns professores e pais ainda não se deram conta do fato.

Ainda, na mídia *on lineo* número de mortos cada vez maior de homossexuais em logradouros públicos e também em casa, e nada ou pouco é feito para coibir isso, virando apenas mais uma manchete de jornal sensacionalista. O fato é que a movimentação de trabalhos de conscientização da sexualidade e da homossexualidade está sendo realizada fora do espaço escolar. Da qual a escola deveria privilegiar por ações didático-pedagógicas que coloquem em discussão a homossexualidade como outros temas, para que desde cedo o adolescente possa construir uma forma de pensar diferente e mais tolerante diante do outro. Para tanto se apresentou as seguintes sugestões a gestão da Escola: Discutir no período de planejamento dos professores a inclusão de temáticas que venham minimizar agressões e discriminação dentre outros: homossexualidade, racismo, união entre iguais, namoro etc.; Levantar bibliografia de textos que possam ser discutidos em sala de aula temáticos sobre sexualidade; No período do planejamento dos professores fomentarem mudança no currículo escolar e enviar a Entidade Mantenedora SEDUC para aprovação, que venha contemplar as reais necessidades da Escola com relação a problemas de agressões a homossexual dentre outros; Fomentar cursos e palestras sobre temáticas enfrentadas na Escola por professores, funcionários e alunos; Promover acompanhamento técnico-pedagógico de turmas que apresentem alguma dificuldade de aceitabilidade das diferenças.

### **Bibliografia.**

- Aquino, G. J. et. al. (1997). *Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e praticas.* São Paulo: Summus.
- Araújo, S. (2001). *Papeis Sexuais.* Belém-Pará: UNAMA. Programa de Sexualidade na Escola.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução a teoria e aos métodos (trad.)* Maria João Alvarez, Sara dos

Santos e Telma Marinho Baptista. Porto: Porto.

- Brandão, C. R. (1981). *A pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense.
- Brandão, C. R. (1985). *Pesquisar Participar*. In: Brandão, C. R. (Org.). *Repensando a Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense.
- Carvalho, A. & Fagundes, M. (1997). *Adolescência*. 4ªed. Belo Horizonte: MG: Lê. Coleção Pergunte ao José.
- Corrêa, J. C. da S. (2000). *Do espaço-tempo de sala de Aula a Gogo Boy's à Praça*. Belém Pará: Cesupa. Texto do Curso de Pós-Graduação em Avaliação Institucional Semana Acadêmica.
- Corrêa, J. C. & Aviz, M. (2003). *Iniciação a Metodologia Científica*. Belém: Supex/Unama.
- Corrêa, J. C. & Aviz, M. (2006). *Homossexualidade e História: preconceito, pré-conceito em alta*. Belém: Elite Belém, Curso de Formação Continuada Docente.
- Demo, P. (2001). *Participação é Conquista*. 5ª ed. São Paulo: Cortez.
- Ferretti, M. (1998). *Homossexualidade: um olhar antropológico*. Pesquisa em Foco: Ufma. v. 6.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade*. vol. I, II e III. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Gafo J. C. (1985). *Homossexualidade luzes e Sombras de uma Interpretação Histórica*. In. Vidal, Marciano et al, *Homossexualidade, Ciência e Consciência*. São Paulo: Loyola.
- Gómez, G. R., Flores, J. G., Jiménez, E, G. (1999). *Metodología de la investigación cualitativa*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- Granúzzio, P. M. (2007). *Gênero e sexualidade nas praticas escolares*. UNIMEP. Disponível: [www.serhomossexual.com.br](http://www.serhomossexual.com.br).
- Lasso, P. (1985). *Sociologia da Homossexualidade: uma aproximação*. In: Vidal, Marciano et al. *Homossexualidade, Ciência e Consciência*. São Paulo: Loyola.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes.

- Makiguti, T. (1994). *Educação para Uma Vida Criativa*. Trad. Eliane Carpenter Fraga Lourenço. 2ªed. Rio de Janeiro: Record.
- Martins, V. (2007). *A escola Exclui os Homossexuais*. Disponível: <http://www.e-jovem.com/report02htm>. Acessado: 03/03/13h45.
- Mesquita, T. C. M. de (2008). *Homossexualidade: Constituição ou Construção?*. Brasília: UniCEUB. (Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia. Faculdade de Ciências da Saúde.
- Millot, C. (1999). *Felicidade e Tirania do Sexo*. Folha de São Paulo: Caderno Mais, 10 jan.
- Oliveira, M. R & Morgado, M. A. (2007). *Jovens, Sexualidade e educação: homossexualidade no espaço escolar*. Disponível: [www.serhomossexual.com.br](http://www.serhomossexual.com.br).
- Pêcheux, M.(1988). *Semântica e discurso*. Campinas: UNICAMP.
- Reich, W. (1969). *A Revolução Sexual*. Trad. Ary B.. Rio de Janeiro: Zahar.
- Tozoni, R. M. F. de C. (2006). *Metodologia da Pesquisa*. Curitiba: IESDE.
- Thiollent, M. (2011). *Pesquisa-ação e educação; compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas*. Campinas: Educação e Sociedade.
- Trevisan, J. S. (2000). Personal Details and Community involvement. In: [www.evolution.com](http://www.evolution.com).
- Vainfas, R. (1997). *Trópicos dos Pecados: moral, sexualidade e inquisição, no Brasil*. 3ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Veyne, P. (1982). *A Homossexualidade em Roma*. In.: Ariés, Philippe & Benjin, André (1982). *Sexualidade de Acidentais: contribuições para a história para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasiliense.
- Vidal, M. et al. (1985). *Homossexualidade, Ciência e Consciência*. São Paulo: Loyola.